KAPWANI KIWANGA

WHERE SALT AND FRESHWATER MEET AND CROOKED TREES FILTER THE SUN

SERRALVES
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Capa Cover**: Kapwani Kiwanga, *The worlds we tell: Threshold*, 2022.** Vista de instalação Installation view, Fundação Serralves – Museu de Arte Contemporânea. Fotografia Photo: Filipe Braga, 2023.

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *Kapwani Kiwanga: Onde o sal e a água doce se encontram e as árvores sinuosas filtram o sol* é organizada pela Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea de Serralves, com curadoria de Filipa Loureiro.

The exhibition *Kapwani Kiwanga: Where salt and freshwater meet and crooked trees filter the sun* is organised by Fundação de Serralves — Serralves Museum of Contemporary Art, Porto, and is curated by Filipa Loureiro.

KAPWANI KIWANGA
ONDE O SAL E A ÁGUA DOCE SE ENCONTRAM E AS ÁRVORES SINUOSAS FILTRAM O SOL

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves apresenta uma nova exposição da artista franco-canadiana Kapwani Kiwanga (Hamilton, Canadá, 1978), a primeira mostra individual da artista em Portugal. Este importante projeto ocupa a sala central do Museu e dá seguimento ao programa de exposições com artistas de renome internacional que exploram o contexto singular de Serralves.

Através de uma investigação rigorosa e de uma abordagem criativa, Kiwanga confronta o público com o seu profundo interesse nos materiais e nas estruturas elementares de poder. Com formação em antropologia e ciências sociais, a artista assume em muitos dos seus projetos o papel de investigadora, centrando-se na periferia de narrativas históricas sub-representadas e interessando-se particularmente por desequilíbrios de poder históricos e contemporâneos. Uma parte considerável da sua obra aborda os efeitos persistentes das assimetrias do poder, colocando narrativas históricas em diálogo com realidades contemporâneas, o arquivo e as possibilidades do futuro.

Nascida no Canadá, Kiwanga tem um percurso internacional que reflete a sua abordagem multicultural no domínio da arte, tendo criado, ao longo da última década, instalações, esculturas, performances e filmes que exploram uma variedade de temas, incluindo histórias marginalizadas e economias coloniais. Em 2018 participou no Porto no Fórum do Futuro, onde analisou algumas das questões centrais no contexto do afrofuturismo, tendo apresentado o terceiro capítulo do seu ciclo *Afrogalactica (Afrogalactica III: Deep Space Scrolls)*. Nessa apresentação, na qual assume o papel de uma antropóloga vinda do futuro, Kiwanga envolve-se num trabalho arqueológico multitemporal, revisitando a herança astronómica de África e relacionando-a com conceitos ocidentais da cultura New Age. O espectador é convidado a reconsiderar as noções passadas e atuais de centro e periferia e a imaginar estruturas transculturais alternativas para um futuro sentido de pertença, ideias que percorrem o seu ADN artístico e que se reconhecem no projecto que agora apresenta em Serralves.

Where salt and freshwater meet and crooked trees filter the sun [Onde o sal e a água doce se encontram e árvores retorcidas filtram o sol] ocupa e transforma toda a sala central do Museu. Com especial interesse pela arquitetura do espaço e pelo diálogo íntimo que este estabelece com a paisagem do Parque, que se pode ver através da janela, a artista criou um ambiente imersivo e impactante, onde 14 quilómetros (14.000 metros) de cordas de algodão de um vibrante colorido percorrem o espaço superior entre as paredes e teto, num sinuoso arranjo onde a gradação de cor e a cadência ritmada que resulta das diferentes espessuras se fazem sentir. A fibra natural é um dos materiais recorrentes no vocabulário da artista. Em algumas das suas obras que empregam sisal, a artista explora a utilização deste material, chamando a atenção para o papel instrumental que o cultivo desta fibra desempenhou na independência da Tanzânia. Na sua mais recente instalação,

Retenue, criada para a nave central do CAPC Bordeaux nas comemorações do 50.º aniversário da instituição, a artista usou fio de algodão transformado em corda para relembrar o passado colonial daquele espaço expositivo, um antigo entreposto de mercadorias.

Ao considerar a importância do lugar no desenvolvimento dos projetos de Kiwanga, não podemos ignorar o Porto. A cidade deve o seu desenvolvimento à relação secular com o rio, o mar e, naturalmente, com as indústrias que lhe estão associadas, em particular a construção naval e a cordoaria. No auge da expansão portuguesa, o Porto chegou a ter várias cordoarias. Nessa altura, as cordas manufaturadas para a atividade marítima eram feitas a partir de cânhamo. O algodão — material predominante nesta instalação, cujo fio foi entrançado em corda segundo saberes e práticas ancestrais — foi um dos produtos mais cobiçados nas transações coloniais da época. Esta fibra seria mais tarde fundamental para a implementação da revolução industrial têxtil em diferentes países. O comércio colonial criou e alimentou a indústria do algodão. O mar serviu como palco destas trocas, mas também é arquivo e testemunha de passados violentos.

Sob as linhas de cordas que se estendem das paredes, vemos um conjunto de novos relevos em cerâmica, criados especialmente para este momento. Kiwanga considera o barro um material que liga os seres humanos à terra, especialmente porque diversos mitos de criação relatam que os humanos vêm do pó da terra. Produzida em azulejo português, esta nova série de relevos reconhece a importância do material usado, o azulejo, e reflete as influências culturais, sociais e económicas que estão inextricavelmente ligadas à história de Portugal. A ideia de cosmogonias imaginadas e os elementos essenciais da criação de mundos foram a inspiração da artista para realização desta série de obras. Através da presença palpável do vidrado e da cor, as peças cerâmicas estão recobertas de linhas de fio de algodão, tinta acrílica ou folha de ouro. A elipse é aqui a forma geométrica dominante, num encontro entre diferentes campos que se intersetam e outros mundos que partilham a mesma estrutura.

Descendo ao piso inferior da galeria, o visitante é confrontado com a peça *The Worlds We Tell: Threshold* [Os mundos que criamos: Limiar] (2022). Esta escultura de painéis de madeira coloridos emoldura uma imagem que se desmultiplica em camadas, onde convivem gravilha marmoreada, vidro espelhado, cerâmica, arenito cinza Kandla, mármore e tubos de aço. Três esferas feitas de madeira de figueira acentuam esta composição geométrica linear abstrata. O arranjo é surpreendentemente claro, dada a riqueza do material. Esta escultura faz parte de uma série em que a artista explora mitos de criação específicos de várias regiões do mundo. Kiwanga interessa-se pela forma como os mundos são produzidos, ordenados e compreendidos no âmbito e através dessas cosmogonias, e como linguagens e arquiteturas que criam mundos podem ser traduzidas numa experiência estética, através do uso de materiais específicos no espaço expositivo. A escultura alude aos mitos criação do mundo, tanto físico

como espiritual, da cultura bakongo. Uma linha cerâmica de vidrado claro, que divide longitudinalmente a instalação em duas metades, simboliza a separação dos mundos material e espiritual. A argila branca é frequentemente associada à morte. As linhas de mármore e de vidro espelhado preto que correm paralelas à cerâmica de um lado, e de arenito claro e espelho do outro, indicam os diferentes habitats das duas esferas e inter-relacionam-se no sentido em que se refletem uma na outra, tanto no mito como no espaço expositivo. Os quatro tubos de aço laminados aludem aos quatro eixos de ferro que, na cosmogonia bakongo, sustentam a Terra (com uma figueira ao centro) e o arco celeste. À medida que o observador percorre a escultura de grande formato, a orientação e a ordem desta imagem do mundo — acima e abaixo, escuridão e luz — tornam-se uma questão de perspetiva e posicionamento.

Em diálogo direto com a grande janela que domina o espaço, esta escultura estabelece uma ligação envolvente com a natureza e a paisagem do Parque de Serralves, que este ano celebra o seu centenário. *Where salt and freshwater meet and crooked trees filter the sun* envolve de forma poética a história social e as narrativas culturais que moldam não só as nossas formas de ver o mundo, mas também o modo como as estruturamos.

SOBRE A ARTISTA

Kapwani Kiwanga (1978, Hamilton, Ontário, Canadá) vive e trabalha em Paris. Estudou Antropologia e Religiões Comparadas na Universidade McGill de Montreal antes de ingressar na École nationale supérieure des Beaux-Arts de Paris, onde participou no programa de pesquisa La Seine. Kiwanga continuou os seus estudos no Le Fresnoy — Studio national des arts contemporains entre 2007 e 2009. Recebeu o Zurich Art Prize 2022 do Museum Haus Konstruktiv, o Prémio Marcel Duchamp em 2020, o Sobey Art Award em 2018 e o Prémio Frieze 2018. Kapwani Kiwanga é uma das mais importantes artistas da sua geração. As suas exposições recentes incluem: High Line (Nova Iorque, 2023), Bozar (Bruxelas, 2023), CAPC (Bordéus, 2023), Kunstmuseum Wolfsburg (Wolfsburg, 2023), a 59.ª Exposição Internacional de Arte da Bienal de Veneza (2022), New Museum (Nova Iorque, 2022), Moody Art Center (Houston, 2021), ICA Portland (Portland, 2021), Palais de Tokyo (Paris, 2021), Centre Pompidou (Paris, 2020), Haus der Kunst (Munique, 2020), Kunstinstituut Melly (antigo Witte de With, Roterdão 2020). Em 2024 irá representar o Canadá na 60.ª Bienal de Veneza.

Está representada nas seguintes coleções: MUSAC (Espanha), Solomon R. Guggenheim Museum, Nova Iorque (USA), National Gallery of Canada (Canadá), Musée d'art moderne de la Ville de Paris (França), Albertinum (Alemanha), entre muitas outras.

KAPWANI KIWANGA
WHERE SALT AND FRESHWATER MEET AND CROOKED TREES FILTER THE SUN

The Serralves Museum of Contemporary Art presents the first solo exhibition of the Canadian and French artist Kapwani Kiwanga (1978, Hamilton, Canada) in Portugal. This important presentation occupies the central room, emphasising the Museum's exhibition programme featuring internationally renowned artists who explore the unique context of Serralves.

Through rigorous research and an imaginative approach, Kiwanga confronts the public with a keen interest in the materials and elementary structures of power. The artist has a background in Anthropology as well as Social Sciences. Kiwanga takes the role of a researcher in her projects and focuses on the peripheries of underrepresented historical narratives, with particular interest in issues of historical and contemporary power imbalances. A significant part of her work concerns the prevailing effects of power asymmetries, placing historical narratives in dialogue with contemporary realities, the archive and the possibilities of the future.

Born in Canada, Kiwanga has an international background that reflects her multicultural approach to art. The artist has spent the last decade creating installations, sculptures, performance talks and films that explore a variety of themes, including marginalised histories and colonial economies. In 2018, Kiwanga participated in the Fórum do Futuro in Porto, where she analysed some of the most important issues in the context of Afrofuturism and presented the last chapter of the trilogy lecture performance *Afrogalactica* (*Afrogalactica: The Deep Space Scrolls*). In this presentation, in which she took on the role of an anthropologist from the future, Kiwanga engaged in multi-temporal archaeological work, revisiting Africa's astronomical heritage and relating it to concepts of Western New Age culture. The audience was invited to rethink past and present notions of centre and periphery, and to imagine alternative cross-cultural structures for a sense of belonging in the future, ideas that run through her artistic DNA and which are recognised in the project now on view at Serralves.

Where salt and freshwater meet and crooked trees filter the sun occupies and transforms the entire central room of the Museum. With special interest in the architecture of the gallery and with the intimate dialogue created with the landscape of the Park that is possible to see from the window, the artist created an immersive and striking environment in which 14 km (14,000 metres) of vibrantly coloured cotton ropes run between the walls and ceiling of the upper floor of the space, in a sinuous arrangement where the gradation of colour and the cadence resulting from the different thicknesses can be felt. The natural fibre is a recurring material in Kiwanga's lexicon. In some of her works which employ sisal, the artist explores the use of this material, highlighting the important role that the cultivation of this fibre played in Tanzania's independence. In her recent installation, *Retenue*, created for the central nave of the CAPC in Bordeaux to celebrate its 50th anniversary, Kiwanga used cotton thread transformed into rope to evoke the

economic colonial past of the exhibition space, a former goods warehouse.

When considering the importance of place in the development of the artist's projects, the location of Porto cannot be overlooked. The city owes its development to its centuries-old relationship with the river, the sea and, consequently, with associated industries, particularly shipbuilding and ropemaking. At the height of the Portuguese expansion, Porto had several rope factories. At that time, the ropes used for maritime activities were made from hemp linen. Cotton, the predominant material in this installation, was one of the most coveted products in the colonial trade of the time and was made from thread plaited into rope according to ancestral knowledge and practices. This fibre would later be essential to the implementation of the industrial textile revolution in several countries. The colonial trade created and fed the cotton industry. The sea was the stage for these exchanges, but also the archive and witness of violent pasts.

Under the lines of ropes that extend from the wall, we see a series of new ceramic reliefs created especially for this moment. Kiwanga considers clay to be a material that connects humans to the Earth, especially since numerous creation myths state that humans came from the dust of the earth, the soil. Made from Portuguese tiles, this new series of reliefs acknowledges the importance of the material used, the tile, and reflects the cultural, social and economic influences that are inextricably linked to the history of Portugal. The idea of Imagined cosmogonies and the essential elements of worldmaking inspired the artist to make this series of works. Through the palpable presence of glaze and deep colour, the ceramic pieces are covered with lines of cotton thread, acrylic paint or gold leaf. The ellipse is the dominant geometric shape here, in an encounter between different intersecting fields and other worlds that share the same structure.

Descending to the lower level of the gallery, the visitor is presented with the piece *The worlds we tell: Threshold* (2022). This sculpture of coloured wooden panels frames an image that multiplies in layers, combining marbled gravel, mirrored glass, ceramics, Kandla grey sandstone, marble and steel tubes. Three Ficus wood spheres accentuate this abstract geometric linear composition. The arrangement is surprisingly clear given the richness of the material. This work is part of a series in which the artist explores specific creation myths from different regions of the world. Kiwanga is interested in how worlds are produced, ordered and understood within and through these cosmogonies, and how languages and architectures that create worlds can be translated into an aesthetic experience through the use of specific materials in the exhibition space. The sculpture evokes the Kongo culture's myths concerning the creation of the world, both physical and spiritual. A line of light-glazed ceramic that divides the installation lengthwise into two halves represents the separation of the material and spiritual worlds. White clay is often associated with death. The lines of marble and black mirror glass running parallel to the ceramics on one side, and light sandstone and mirror on the other, indicate the different habitats of the two spheres. These are interrelated in the sense that they are reflected in each other,

both in the myth and in the exhibition space. The four laminated steel tubes refer to the four iron shafts that, in the Kongo cosmogony, support the Earth (with a Ficus tree at its centre) and the celestial canopy. As the viewer moves through the large-scale sculpture, the orientation and order of this image of the world — above and below, darkness and light — becomes a question of perspective and positionality.

In close dialogue with the large window that dominates the gallery space, the sculpture creates an engaging connection with nature and the landscape of the Serralves Park, which celebrates its centenary this year. *Where salt and freshwater meet and crooked trees filter the sun* poetically embraces social history and cultural narratives that shape not only our ways of seeing the world but how we structure them.

ABOUT THE ARTIST

Kapwani Kiwanga (born in 1978 in Hamilton, Ontario, Canada) lives and works in Paris. She studied Anthropology and Comparative Religion at McGill University in Montreal before enrolling at the École nationale supérieure des Beaux-Arts in Paris, where she participated in the La Seine research programme. Kiwanga continued her studies at Le Fresnoy — Studio national des arts contemporains between 2007 and 2009. She is the recipient of the Zurich Art Prize 2022 from the Museum Haus Konstruktiv, the Marcel Duchamp Prize 2020, the Sobey Prize and the Frieze Prize 2018. Her recent exhibitions include the High Line (New York, 2023), Bozar (Brussels, 2023), CAPC (Bordeaux, 2023), Kunstmuseum Wolfsburg (Wolfsburg, 2023), 59th International Art Exhibition of the Venice Biennale (2022), New Museum (New York, 2022), Moody Art Center (Houston, 2021), ICA Portland (Portland, 2021), Palais de Tokyo (Paris, 2021), Centre Pompidou (Paris, 2020), Haus der Kunst (Munich, 2020), Kunstinstituut Melly (formerly Witte de With, Rotterdam 2020). In 2024 she will represent Canada at the 60th Venice Biennale.

Her work is represented inseveral collections: Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León — — MUSAC (Spain), Solomon R. Guggenheim Museum, New York (USA), National Gallery of Canada, Musée d'art moderne de la Ville de Paris (France), Albertinum (Germany), among many others.

VISITAS PARA ESCOLAS
TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two–week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta direct line**): 226 156 500**
Tel: 226 156 546
Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.
Marcações online em Online booking at **www.serralves.pt**

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS:
INFORMATIONS AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150–417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500
Chamadas para a rede fixa nacional.
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt
/fundacao_serralves
/fundacaoserralves
/fundacaoserralves
/serralves

SERRALVES MONUMENTO NACIONAL NATIONAL HERITAGE
EMAS

Apoio Institucional
Institutional Support
REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

Mecenas do Museu
Museum Sponsor
BPI | Fundação "la Caixa"

NOV 2023